

POR QUE NÃO SOU UM MATADOR DE ALUGUEL?

— MARCUS TESHAINER

Vou contar uma história, verdadeira, do começo ao fim, não vou inventar nada. Uma história real. Pode ser que seja um pouco monótona, ou chata, pois a ficção tem seus recursos para deixar as histórias mais bonitas, mas esta, como não é ficção, carece de beleza.

Se depois de ler esta história você ainda duvidar que seja verdade, ligue para minha secretária, ela sabe de tudo e poderá te contar a versão dela, e você poderá conferir cada fato que te conto.

Estava um dia no meu consultório, se você não sabe, sou psicanalista, formado com estágio clínico na Escola de Bagé, uma das mais renomadas e tradicionais escolas de psicanálise do Brasil, quiçá, do mundo.

Mas como eu dizia, estava no meu consultório, era um dia morto, poucos pacientes, lia algumas notícias dos folhetins, ao mesmo tempo pensava em como atrair novos pacientes para o meu divã. As contas todos os meses chegavam, mas os pacientes partiam.

Tocou o telefone, até me assustei, fazia muito tempo que isso não acontecia, tinha me esquecido do som do aparelho berrando pela minha atenção. Atendi, uma voz muito firme me disse:

— Quero contratar os seus serviços!

Finalmente alguém reconheceu o meu valor, nunca vi alguém procurar um psicanalista e falar de maneira tão formal, mas deve ser um paciente obsessivo, não importa, agora poderei pagar a conta do bar e quem sabe, até o aluguel.

— Claro, quer vir em meu consultório? Podemos marcar uma primeira conversa, o que acha da segunda-feira?

— Não será necessário — respondeu a voz — vou logo ao assunto, resolvemos por aqui...

Interrompi, não se resolve problema encrustado e amor mal resolvido pela mãe ao telefone, precisa olhar o cabra nos olhos, insisti:

— Prefiro que venha ao meu consultório, não cobro a primeira entrevista, prefiro te conhecer pessoalmente.

— Acho melhor, não — ele disse — não quero que você saiba quem eu sou, quanto menos você souber de mim, melhor.

É um caso de inibição, pensei, isso acontece, as vezes é difícil o paciente sair de casa, o primeiro ganho é fazer ele chegar ao consultório, mas demora um tempo, podemos tentar um pouco pelo telefone, ou se eu tivesse dinheiro para comprar um computador, por Skype.

— Bom, podemos fazer via Embratel, mesmo, mas vamos combinar o pagamento de partida, neste caso eu prefiro receber adiantado.

— Dinheiro não é problema, contanto que você faça um bom trabalho — respondeu a voz do outro lado da linha.

Isso sempre foi fácil, fazer um bom trabalho é comigo mesmo, poucos fazem o que eu faço tão bem quanto eu. Todos os meus títulos e meus anos de experiência falam por mim, ele realmente sabe que ligou para o melhor.

— Mas só pago depois do resultado — acrescentou o sujeito.

Estava há tanto tempo sem ganhar nenhum tostão, se desse para comprar uma roupa para alternar com a que estou usando, seria bom... talvez em quatro ou cinco sessões eu conseguiria... Aí poderia recebê-lo, enfim, com uma roupa nova.

— Bom, podemos fazer uma exceção no seu caso, vejo que seu problema é de grande dificuldade e não quero deixar de te ajudar, você não vai se arrepender de ter me procurado, farei o meu melhor — Eu disse a ele

— Tenho certeza que sim, confio em você, portanto quero pagar um valor que seja superior ao que você está acostumado a ganhar, muito superior, dada a dificuldade do meu caso.

Neste momento meus ouvidos estalaram, meus olhos brilharam, comecei a suar em bicas e já imaginei uma reforma no meu consultório que o tempo tinha surrado tanto, a tinta amarelada poderia ganhar uma nova camada, os móveis, uma salinha de espera mais confortável, minha cabeça começou a fazer contas e a devanear, perguntei:

— Vamos começar hoje, então, como posso te ajudar?

— Para o que eu preciso, não vai ser necessário mais do que um dia, talvez tome um tempo maior para o preparo, mas com certeza você fará em poucos minutos e com eficiência, quanto antes você fizer a sua parte, mais estarei disposto a te pagar.

Foi então, ao ouvir isso, que uma urgência se instalou em mim, se eu me concentrasse e o tempo de concluir fosse realmente rápido, talvez até conseguisse mudar de consultório, sair deste bairro xexelento e pegaria um conjunto mais arrumadinho no centro.

— Vamos lá, então, diga o seu problema, resolvo de imediato, talvez ainda hoje.

— Talvez não hoje, não se afobe, como eu disse, vai te requerer uma pesquisa, mas sei que pode fazer isso logo, o que quero é que mate Lacan.

— Matar Lacan? Como assim, o que espera de mim? Que mate um homem?

— Assim que terminar seu serviço, me comunique, já tem meu telefone, basta me ligar, vou saber logo se você fez o serviço corretamente, mas é muito importante, faça você mesmo, não pense em contratar outra pessoa, este trabalho tem de ser feito por você, e ninguém mais.

Estremeci, eu nunca matei ninguém, mas era um valor que iria colocar minha vida nos eixos, eu precisava mesmo de um empurrãozinho desses. Já tinha lido em algum lugar que todo homem tem seu preço, e o preço que este sujeito estava me pagando era pelo menos o dobro do que eu achava que eu valia.

— Ok! Em breve você terá notícias minhas — respondi com ar de matador de aluguel.

Coloquei o telefone no gancho, suave frio e com a cabeça confusa, e me dei conta, esqueci de perguntar, quem era este tal de Lacan? Onde eu o encontrava? Resolvi não ligar outra vez, por aquele valor, eu mesmo teria de procurar, era melhor que eu soubesse, ou que ele achasse que eu sabia.

Primeira coisa que fiz foi procurar na lista telefônica, algo antigo, mas muito eficiente e fácil de usar. Entre os escritos, estava lá um nome cujo sobrenome era Lacan, um tal de Tiago Lacan, morava no centro da cidade, em um lugar de fácil acesso.

Fui até o endereço, precisava saber se ela ainda morava no local indicado, se não morasse, eu precisaria descobrir o novo, a lista tinha alguns anos, quinze, pelo menos. E se ele já tivesse morto? Não, ninguém iria me contratar para matar alguém morto.

Cheguei ao prédio, perguntei ao porteiro, ele disse que sim, que o Tiago Lacan morava ali há muitos anos, um dos primeiros moradores do prédio, nunca se mudou, alguém falante, muito comunicativo, mas de poucos amigos, um pouco irascível. De hábitos regulares, segundo o porteiro, podia-se acertar o relógio com suas saídas, certamente às 11:22 ele estaria na frente do prédio, era a hora que ele fumava seu charuto toscano.

Adorei este porteiro, todas informações estavam na minha mão, nem precisei fazer muitas perguntas, mas uma coisa me chamou a atenção, eu estava diante de um dos prédios mais antigos do centro, ele era um dos primeiros moradores, quantos anos teria este sujeito? Resolvi perguntar ao porteiro.

— O senhor Lacan? Ora!!! É um senhor de muita idade, anda com dificuldades, com muitos tropeços, as vezes precisa de alguns de seus jovens amigos para conseguir ir para frente, se não me engano, ele tem noventa e cinco anos, mas pode ser mais.

Noventa e cinco anos? Pensei, por que alguém me contrata para cortar um sujeito idoso da história e que está prestes a morrer pelo seu próprio tempo?

Não importa, não estava lá para fazer perguntas, minha missão era matar este ancião e era isto que eu ia fazer, amanhã mesmo, às 11:22, chegaria antes mesmo dele acender seu charuto.

Passei na cutelaria, cortar uma libra de sua carne parecia a maneira mais trágica de executar a morte, assim, meu contratante saberia logo o que aconteceu, e eu receberia muito rapidamente meus honorários. Comprei um pequeno punhal que pedi para gravar um pequeno 'a' na sua empunhadura, bem próximo ao pomo.

No dia seguinte, às 11:20 eu já estava lá, em frente ao prédio, com o punhal em mãos escondido nas minhas costas, não demorou muito e apareceu um senhor, muito idoso, passos lentos, um charuto retorcido na boca, ainda apagado. Caminhou até a porta, ascendeu um fósforo e antes que ele pudesse levar a ponta do charuto eu gritei:

— Prepare-se para sua morte, Senhor Lacan, vim aqui para barrar seu caminho e te trazer o impossível... que nenhum resto de você se sobressaia deste meu ato.

Nesse momento o velho colocou as mãos no peito, olhou-me assustado, começou a fazer caretas estranhas, seus dedos apertaram com ainda mais força o tórax, e foi desmanchando para o chão antes mesmo que a ponta do meu punhal tocasse sua pele. Despencou ao chão como um saco de areia, seus olhos sem brilho próximos à soleira da porta. Lá estava ele, morto, completamente morto, sem que eu tivesse tocado em seu corpo.

Deixei cair o punhal, já não me servia para nada, o improvável havia acontecido, fiquei catatônico diante da cena, fora meu estilo que o tinha matado? Seu semblante era de susto. Matei o velho de susto? Realmente não tinha a sutileza e a esperteza de um matador de aluguel.

Sentei ao seu lado, a polícia e ambulância chegaram juntos, levaram o corpo, pegaram meu telefone, disseram para eu depor. Ninguém disse que fui eu que matei Lacan. Foi o tempo... Foi o tempo...

MARCUS TESHAINER – É psicanalista por ofício e paixão, mestre e doutor em Ciências sociais e curiosidades humanas, realizou estágio de pós-doutorado em psicologia clínica e ouvidos abertos. E-mail para contato: mteshainer@gmail.com